

O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS, DEPOIS DO TERRAMOTO DE 1755. UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA SOBRE A HISTÓRIA FÍSICA E MORAL DA CIDADE DE LISBOA

Machado, Aquilino ^{1*}; Simões, José Manuel ²

1 Centro Estudos Geográficos, IGOT, UL, Laboratório TERRA; Aquilino.Machado@campus.ul.pt

2 Centro Estudos Geográficos, IGOT, UL; Laboratório TERRA; jmsimoes@campus.ul.pt

*Autor correspondente: Aquilino.Machadol@campus.ul.pt; Tel.: 919906273

Resumo: Este texto ilustra a importância da viagem literária para a compreensão do espaço geográfico. A hipótese de que partimos é a de que as narrativas dos viajantes estrangeiros constituem uma importante fonte de análise sobre a história física e moral da cidade de Lisboa, depois do terramoto de 1755. Empregando metodologias qualitativas, o estudo analisa as narrativas de três viagens literárias, que, circunstanciadas nos contextos, específicos e gerais, permitem entender as transformações da Lisboa Pombalina. É pois uma geografia literária que cruza diferentes abordagens de ler o seu tempo e as percepção paisagísticas nelas contida.

Palavras-chave: Lisboa; Terramoto 1755; Viagem Literária; Geografia Literária

Abstract: This text illustrates the importance of literary travel for the understanding of geographic space. Our hypothesis is that the narratives of foreign travellers are an important source of analysis on the physical and moral history of the city of Lisbon, after the earthquake of 1755. Using qualitative methodologies, the study analyses the narratives of three literary journeys, which, detailed in the contexts, specific and general, allow us to understand the transformations of Lisbon Pombalina. It is therefore a literary geography that crosses different approaches to reading its time and the landscape perception contained in them.

Keywords: Lisbon; 1755 earthquake; Travel Literature; Literary Geography

1. Introdução

O terramoto de 1 de Novembro de 1755 soçobrou tragicamente sobre a cidade de Lisboa e, por via deste magno acontecimento, abalaria os alicerces morais e filosóficos de toda a Europa. Não tardou a surgir uma mão cheia de descrições literárias, algumas de teor ficcional, outras conformando o olhar dos outros, através de relatos de viagens, escritos por viajantes estrangeiros que procuravam conhecer a própria realidade «depois de a natureza ter consumido a ruína da cidade perdida», como escreveu Oliveira Martins na sua história de Portugal.

Estes forasteiros setecentistas, sobretudo jovens elites, encetavam o valor das viagens educacionais do *Grand Tour*, fenómeno que tinha como objetivo a «aprendizagem de línguas e culturas europeias, visita de Cortes, contactos diplomáticos» (...) «por períodos até dois anos na companhia de tutores e serviços» (Cavaco, 2006).

Os relatos propendiam para uma orientação primordialmente descritiva, abarcando um «vasto leque de áreas – a história, a geografia, a política, as instituições, os costumes, a arte, etc.» (Sousa, 1989). Muitos deles sublinhavam alguns estereótipos na construção das suas narrativas, fruto da época e da influência de outros livros de leituras de viagens acerca dos mesmos lugares, além da força do alvor do «Romantismo, com o seu paradigma da pequenez e fragilidade do homem face às forças do universo»

(Calado, 2015).

Fenómeno impressionante, operaria uma revolução urbanística na cidade arruinada, através da reconstrução Pombalina. José-Augusto França (2008) considera que o terramoto foi para Lisboa um marco milenário. Os relatos dos viajantes estrangeiros possuem, assim, o valor de em muito contribuírem para o reconhecimento deste território em mudança.

Isto significa que o mote e o objetivo deste ensaio será o de representar e compreender a geografia literária narrada pelo olhar dos outros, na Lisboa após o terramoto de 1755. Já o confronto entre o imaginário e o relato vivencial num lugar e num período, «que muito mais do que Lisboa fora o mundo que se desmoronara» (França, 2008) são o principal propósito deste ensaio.

2. Literatura e Geografia, contributos metodológicos

A abordagem metodológica emprega distintas modalidades de escrita, mediante a narrativa de três viajantes estrangeiros que percorreram o território português no pós-terramoto.

Optou-se pelo aproveitamento de uma grelha de leitura que, embora seja compaginada num corpus diferenciado, permite validar a análise de conteúdo e o arrumo das conclusões.

Exprimem-se, assim, contextos, específicos e gerais, de uma realidade distante, suportados em representações paisagísticas que, embora contenham alguns equívocos de percepção (Pimentel, 2012), nos auxiliam a reconfigurar um retrato sobre a história física e moral da cidade de Lisboa, depois do terramoto de 1755.

É a esta descoberta que em seguida nos dedicaremos.

3. O olhar de três viajantes estrangeiros, depois do Terramoto de 1755

Em o *Discurso Patético sobre as calamidades presentes sucedidas em Portugal*, Francisco Xavier de Oliveira, sob o cognome de *Cavaleiro de Oliveira*, discorre sobre as consequências do Terramoto de Lisboa, com a firmeza de um narrador omnipresente no meio de um cenário do “fim de mundo”. Todavia, o opúsculo de *Cavaleiro de Oliveira*, editado em 1756, foi escrito por alguém que não viajou até Portugal durante o cataclismo que estremeceu os espíritos a Europa, mas achou o facto suficientemente relevante para escrever este *Discurso Patético* (Calado, 2015).

A este tipo de tratamento paisagístico lograríamos juntar outros, que pelo alcance filosófico e moral, obtiveram enorme repercussão um pouco por toda a Europa.

Estas ressonâncias influenciaram inúmeras viagens de formação de jovens aristocráticos estrangeiros, que estimulados pela leitura de textos procuravam descobrir as paisagens desenhadas nas páginas e/ou os percursos traçados pelas personagens literárias (Butler, 2000). Importância reforçada porque indicia uma inflexão das viagens com motivação literária associadas ao *Grand Tour*, que deixavam de fora o prisma geográfico da Península Ibérica (Calado, 2015).

Fixemos algumas destas coordenadas que parecem premiar este interesse crescente pela viagem literária em torno do terramoto de Lisboa (Fig. 1).

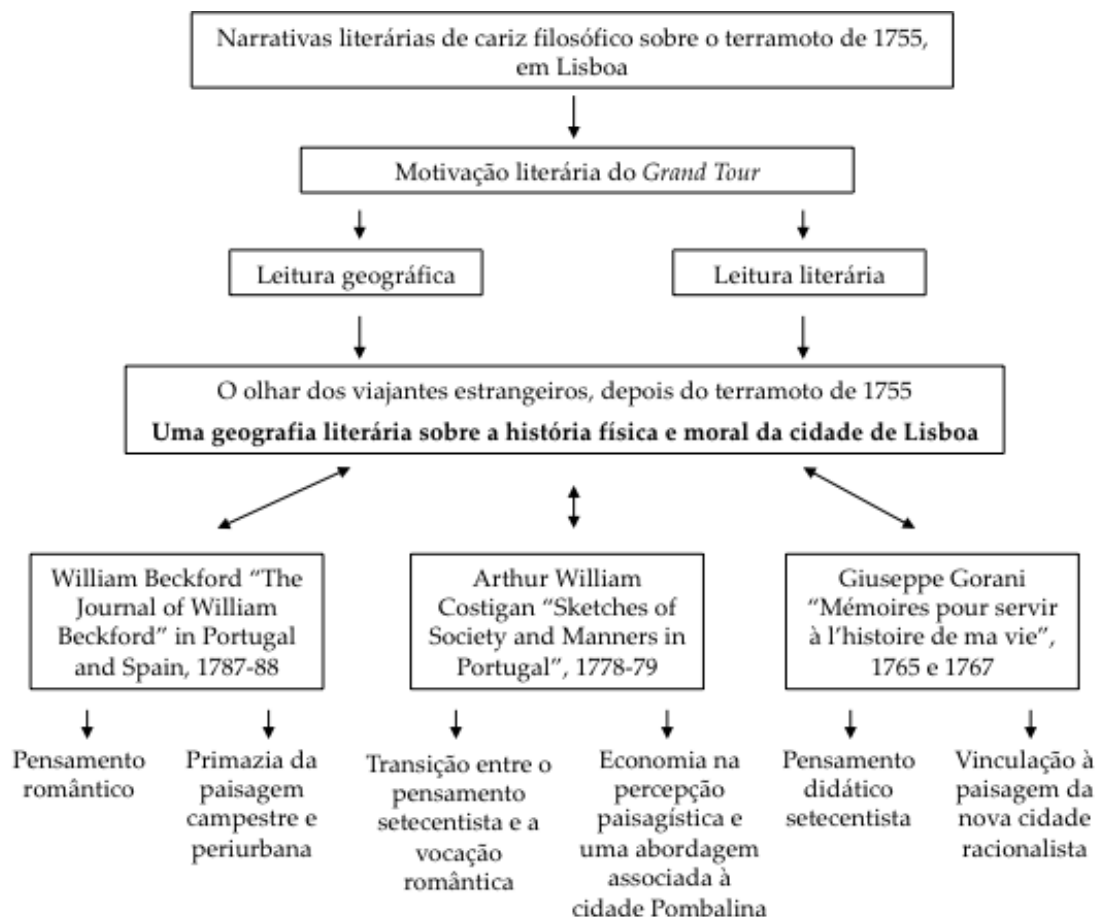


Figura 1. Uma geografia literária de três viajantes Estrangeiros, depois do terremoto de 1755:

A primeira, é-nos oferecida pela escrita diarística de William Beckford, um jovem aristocrata inglês que enceta uma viagem pelos territórios português e espanhol, em 1787. De todos os exemplos aduzidos é aquele que mais se integra na motivação literária através do Grand Tour, muito por força da sua idade, 22 anos, e da expressão do seu périplo. No entanto, o seu pensamento romântico, proposto neste *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain, 1787-1788*, fá-lo desviar-se duma «orientação primordialmente descritiva» e «optar por uma posição mais pessoal» tornando-se mesmo «uma figura central da narrativa» (Sousa, 1989). Tal vocação é acompanhada por um maior reconhecimento com a paisagem campestre, mormente aquela que discerne em Mafra, Sintra, ou mesmo em Marvila, mas que pouco se identifica com o racionalismo pombalino representado no «núcleo central da nova cidade barroca, a Baixa» (Gaspar, 1994).

Na verdade, a Lisboa é difusamente descrita pelo narrador, e mesmo a geometria impositiva da traça medieval (Gaspar, 1994, Calado, 2015) é paisagisticamente depreciada:

«Nunca vi tão detestáveis subidas e descidas, tão escarpadas vertentes e íngremes ladeiras como aqui em Lisboa [...] Quanto mais conheço a Lisboa, menos gosto da cidade. Parece antes uma série de feios povoados ligados uns aos outros» (Beckford, 1983).

Ao invés, o contexto epocal e literário de cariz romântico encontra-se muito bem sumariado no elogio manifestado ao panorama paisagístico circundante ao Aqueduto das Águas Livres, quase fazendo transparecer uma noção de ambiente urbano, que, segundo Michel Collot (2018), citando Simmel, se «assemelha à ideia de *Stimmung* que se tornou desde o Romantismo, uma palavra-chave da arte da paisagem, e que exprime a ressonância afectiva na sensibilidade do sujeito»:

«Há uma grandiosidade no desenho desta única linha de arcos digna de admiração.

Sentei-me debaixo do grande arco, num fragmento de rocha, e olhei para a obra de alvenaria, lá tão alta por cima de mim, com uma sensação ao mesmo tempo de respeito e de terror» (Beckford, 1983).

A segunda coordenada é desenvolvida através da escrita epistolográfica de Arthur William Costigan, dado à estampa entre 1778 e 1779, e que mereceu o título de *Sketches of Society and Manners in Portugal*. Tudo aponta que A. W. Costigan seja pseudónimo de James Ferrier, nascido na Irlanda ou na Escócia, e oficial da Infantaria, com o posto de Brigadeiro, usando esta assinatura pela dura escrita para com o nosso país (Ramos, 2012).

No entanto, Zulmira de Sousa (1989) trata de aclarar a importância desta edição no historial da literatura de viagens sobre Portugal, ao dizer que o contexto em que esta se insere permite enquadrá-la como uma obra de transição entre os livros de viagens setecentistas, que avolumam uma «descrição o mais objectiva possível, do que fora dado observar aos seus autores; e aquelas que» tendem «a aproximar-se da descrição paisagística de maior vocação romântica».

É com este tipo de aspirações que assinalamos a sua narrativa, em forma epistolar, e que se acha circunstanciada por uma resoluta economia de percepção paisagística, sobretudo quando procura enfatizar a forma da cidade, «tal como ela se revela graças a uma visão de conjunto» (Collot, 2018). Assim, somos convidados a lê-la na perspectiva de incluir diversas coisas dentro e fora do seu contexto:

«os campos erguem-se em colina, logo na parte detrás da cidade, mas dentro também as há, separadas por vale, o maior dos quais é aquele em que se encontra a Rua Augusta, a mais bela de Lisboa» (Costigan, 1989).

Certamente não por acaso, o autor descreve a construção da nova cidade racionalista pombalina reconhecendo a sua modernidade funcional. E assim, a sua atenção parece refletir a percepção setecentista, quando se confronta com as «ruas construídas depois do terramoto de 1755», e «elogia o perfil direito, regulares e a maior parte muito extensas» (Costigan, 1989). Apesar da dureza dos juízos feitos em relação aos portugueses, a sua narrativa tende a enaltecer o papel de Pombal, sobretudo na gesta do plano de reconstrução da nova cidade, e que adquire na Praça do Comércio «o grande centro de todo o comércio de Portugal com as nações estrangeiras e com as suas possessões na América meridional e nas Índias» (idem).

No fundo, este é o olhar dos estrangeirados, como nos elucida Reis Machado, onde se traça o contraste «entre o Portugal antigo e o Portugal moderno».

Por fim, a terceira coordenada refere-se à viagem literária desenvolvida por Giuseppe Gorani, através de uma peça memorialista que recebeu o nome de *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie*, cunhada entre 1765 e 1767.

Nestas memórias a descrição da cidade de Lisboa parece adquirir uma projeção pedagógica, donde se exalta o elogio da escrita como um objectivo permanente de instruir o leitor (Avelar, 2015), muito ao estilo da projeção paisagística de pendor setecentista.

Tal aspiração é confirmada no capítulo que tributa à sua chegada a Lisboa, onde consagra um didático enquadramento histórico-geográfico, no qual se discerne este pequeno trecho:

«Lisboa vista do Tejo, a montante ou jusante do rio, induz a considerarem-se como bairros da cidade uma quantidade de lugares e de aldeias que lhe estão próximas, para o que contribui o terem-se feito depois do terramoto de 1755, arruamentos nos espaços livres que ligam a cidade a estes lugares e aldeias» (Gorani, 1989).

Este retrato procura evidenciar as novas expansões setecentistas incrementadas para norte, sobretudo as mais significativas que se concatenaram até à «área do Rato/Santa Isabel, através de um conjunto residencial e industrial, já indiciado no reinado de D. João V» (Gaspar, 1994); e as que se consolidaram a poente, no vale de S. Bento.

Mas a Lisboa mais aclamada é aquela que se encontra promanada sob núcleo central da novel cidade barroca, nomeadamente quando procura sobressair a «soberba Rua Augusta, que era nova e ainda estava incompleta [...] e o Rossio, uma das belas praças de Lisboa, onde em quase todos os prédios que a contornam existem excelentes estabelecimentos» (Gorani, 1989). Este é o seu foco paisagístico, e a quem dedica o didatismo da sua descrição, ao fixar-se num aprofundado diagnóstico em torno da reconstrução do centro pombalino que, por força da violência do terramoto, ainda se encontrava em consolidação: «o centro e Lisboa que sofrera mais que a periferia da cidade»; reconhecendo também que «é preciso que o terramoto tivesse sido extremamente violento para que, dez anos depois, quando cheguei a Lisboa, ainda nesta cidade existissem tantos escombros» (Gorani, 1989).

Embora o retrato Goraniano foque outros remates distantes da cidade centro racionalista, como aqueles que vem a descobrir no Vale de Alcântara, junto ao «famoso aqueduto que ligava as duas colinas», a sua interpretação paisagística ajusta-se sempre a uma vocação didática tão cara ao pensamento do seu século.

Este é o seu grande legado.

4. Em jeito de remate

Por fim: as narrativas dos viajantes estrangeiros interessam ao estudo da Geografia, sobretudo nas suas intersecções com as abordagens teórico-críticas que aprofundam os domínios culturais e urbanos? A nossa percepção é afirmativa. Ou seja, para o exemplo que nos ocupámos somos forçados a pensar que estas paisagens se revelam num importante aferidor das transformações sentidas em Lisboa, na 2ª metade do século XVIII. Não que transpareçam nelas relatos «da paisagem e da vida portuguesa» [...] «refletindo hábitos e preconceitos dos autores» (Pimentel, 2012). Mas ao desenharem territorialidades literárias em que se interrogam as fronteiras entre o real e a ficção, como nos refere Álvaro Domingues (2018), citando, *Lavocat*, tendem a possibilitar uma leitura paisagística robusta sobre a história física e moral da Lisboa setecentista.

Bibliografia

- Avelar, A. (2015). Das vozes de Jácome Ratton e Giuseppe Gorani sobre a Lisboa pós-terramoto, In Maria João Pacheco, Maria. J & Vale, Teresa (Coord.). Lisboa e os Estrangeiros depois do Terramoto de 1755 (pp. 25 – 37). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Butler, R. (2000). Literaty Tourism. In Jafar (pp 360). Switzerland: Springer International Publishing
- Calado, M. (2015). Entre Razão e Emoção – Como foi vista Lisboa na 2ª metade do século XVIII, In Maria João Pacheco, Maria. J & Vale, Teresa (Coord.). Lisboa e os Estrangeiros depois do Terramoto de 1755. 1755 (pp. 125 – 135). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Cavaco, C. (2005). Prática e Lugares de Turismo. In M. L., Fonseca (Coord.). Desenvolvimento e Território. Espaços Rurais Pós-agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer. (pp. 297 – 362). Lisboa: Centro Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- Collot, M. (2018). Ver e viver a cidade como paisagem. In A., Coutinho., Et al (Orgs). Espacialidade: Revisões do espaço na literatura (pp. 103 – 118). Porto: Edições Afrontamento.
- Costigan, A. (1989). Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal 1778 – 1779. Tradução, Prefácio e Notas de Augusto Reis Machado e Apresentação de Maria Zulmira de Sousa. Volume I. Lisboa: Lisóptima Edições.
- Domingues, Álvaro (2018). Geografia, Literatura e Conhecimento. In Coutinho., Et al (Orgs). Espacialidade: Revisões do espaço na literatura (pp. 13 – 26). Porto: Edições Afrontamento.
- França, J.-A. (2008). Lisboa – História Física Moral. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gaspar, J. (1994). O desenvolvimento do sítio de Lisboa. In Moita, I (Coord). O livro de Lisboa (pp. 11-24). Lisboa: Livros Horizonte.
- Gorani, G. (1989). Portugal: a Corte e o País, nos anos de 1765 a 1767. Tradução, Prefácio e Notas de Castelo-Branco Chaves, Lisboa: Lisóptima Edições.
- Pimentel, J. (2012). Olisipografia e literatura – os textos de estrangeiros até ao século XIX. In Queiroz, A. (Coord.). Lisboa nas narrativas. Olhares exteriores sobre a cidade antiga e contemporânea (pp. 14 – 26). Lisboa: FCSH/NOVA e autores.

XIII CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

O compromisso da Geografia para Territórios em mudança

Coimbra | 18 a 20 de novembro 2021

<https://cgeop.pt/>